

DEUS EM NOSSA HISTÓRIA

História, Chamado e Visão

Março/2021

Índice

Introdução.....	2
Relato de Samuel Clark de 2009	4
A Pré-História.....	4
Brasil - 1963.....	5
Ilustração da Ponte	14
A Nossa História com a Perspectiva Atual (2020)	15
Jim Petersen.....	16
Osvaldo Simões.....	20
Lenir Simões	23
Ieda Gonzalez	26
Aldo Berndt	29
Mario Nitsche.....	33
Luiz Marcos Abrão	35
Valter Hermann.....	37
Nosso Chamado e Visão	40
Parte 1 – O Plano Abrangente de Deus	41
Parte 2 – A Separação Entre o Ser Humano e Deus	43
Parte 3 – A Obra de Jesus	44
Parte 4 – Deus em Busca das Nações	46
Parte 5 – A Pureza e Mobilidade do Evangelho.....	50
Parte 6 – Função e Forma.....	53

Introdução

No livro [A Turma: Uma Aventura de Fé e Amizade](#), Ken Lottis descreve como ele e Jim Petersen, ao virem ao Brasil com suas famílias para começar um trabalho visando tornar conhecidos a pessoa de Jesus Cristo e Seu Evangelho, se depararam com muitas reações inesperadas. Toda vez, ao enfrentarem o desconhecido, sentiam a necessidade de voltar às Escrituras e pedir a Deus que Ele os orientasse. Assim, o trabalho nasceu e foi se desenvolvendo e tomando formas, conforme as respostas que Deus lhes mostrava nas Escrituras e no contexto das pessoas com as quais estavam andando. Entenderam que Deus queria usá-los para levar a mensagem às pessoas fora do ambiente religioso. Essa é a visão que Deus lhes deu e na qual andamos até hoje.

Nos anos 90, várias pessoas no Brasil participaram de um estudo chamado “RBT: Raízes Bíblicas do Trabalho”, onde novamente voltaram às Escrituras para buscar entender o que Deus queria de nós. **Quem somos no Reino de Deus e qual é a nossa parte no Seu trabalho?**

É fundamental que sempre estejamos voltando às Escrituras para ouvir a Deus e ganharmos Dele a orientação necessária. Sem isso, corremos o risco de simplesmente repetirmos tradições que se tornam mais importantes do que a verdade de Deus; justamente o cenário que Jesus encontrou com os fariseus em Marcos 7:1-13.

Com isso em mente, queremos desenvolver um estudo que ajude as pessoas a olharem para Deus, para ouvir o que Ele quer de nós. Quem somos? Qual é a nossa esfera de ação no Reino de Deus? Isso, para que entendamos melhor a nossa parte na continuidade do que Deus nos confiou neste chamado.

Para começar a desenvolver esse estudo, enviamos as seguintes perguntas para mais de 50 pessoas no Brasil:

- 1) Para você, quais assuntos/questões seriam importantes abordar neste estudo?
- 2) Quais pensamentos ou perguntas você tem a respeito da visão do nosso movimento?
- 3) O que seria bom estudarmos para melhor entender quem somos e qual é a nossa esfera de ação dentro do Corpo de Cristo?

Observando as respostas, ficou notório o desejo de muitos conhecerem mais da história da nossa Turma. Também ficou claro a necessidade de entender melhor nosso chamado dentro dos propósitos de Deus e como vivê-lo nos dias de hoje.

Em Juízes 2:10-11, fica destacada a importância de que as próximas gerações conheçam o Senhor e o que Ele tem feito pelo Seu povo.

“Depois que toda aquela geração foi reunida a seus antepassados, surgiu uma nova geração que não conhecia o Senhor e o que Ele havia feito por Israel. Então os israelitas fizeram o que o Senhor reprovava e prestaram culto aos baalins.” (Juízes 2:10-11)

Começaremos com a narrativa da história e depois entraremos nas Escrituras em uma segunda etapa para estudar o que Deus tem a nos ensinar.

Douglas MacKenzie (dougmackenzie73@gmail.com)

Aramir Lisboa (aramirlisboa@yahoo.com.br)

Relato de Samuel Clark de 2009

Samuel Clark (1932-2017), missionário americano que veio para a América Latina em 1959, e morou em Costa Rica, México e Venezuela, nos presenteou, em novembro de 2009, com um relato sobre a história do nosso movimento na América Latina. Samuel era um profundo conhecedor das Escrituras, reconhecido pela sua clareza em explanar as verdades do Reino de Deus.

Este relato descreve o início do movimento dos Navegadores em Costa Rica e como atingiu os demais países. Incluímos aqui a parte inicial e a que relata sobre o Brasil. Isso nos ajuda a entender o contexto mais amplo da história que Deus já vem escrevendo.

A partir desse ponto, com a permissão de sua esposa Carrie Clark, incluímos a descrição deste relato como Samuel nos transmitiu.

A Pré-História

Para alguns, será uma surpresa saber que a América Latina estava no coração de Dawson Trotman, antes mesmo dele fundar a organização "Os Navegadores"¹. Ele se encontrava com um companheiro para orar por todos os países do mundo, um por um, colocando os dedos sobre cada um deles, no mapa. Durante a Segunda Guerra Mundial, centenas de militares haviam se tornado cristãos. Daws e seu amigo oravam e pediam que eles fossem enviados como trabalhadores a esses países com o Evangelho de Cristo. E assim aconteceu. Muitos dos primeiros Navegadores deixaram o serviço militar para estudar em seminários ou escolas bíblicas, preparando-se para serem missionários porque haviam aprendido a pensar na evangelização do mundo. Muitos vieram para a América Latina com ideias da multiplicação espiritual, mas estavam muito espalhados e precisavam de incentivo e apoio.

Assim, em 1952, Dawson Trotman organizou uma viagem pelas Américas, em parte para animar seus amigos nesses países e em parte para ver se havia necessidade de enviar outros Navegadores para ajudá-los. Vários já haviam ido ao Japão, Taiwan, França, Dinamarca e Oriente Médio.

Sua primeira parada foi na Cidade do México. Depois foi para Guatemala, Caracas, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Lima e Quito. Hoje, em todas essas cidades, 55 anos depois, existe um trabalho dos Navegadores, exceto em Quito, no Equador. Acho que isso nos mostra a visão profética que esse homem tinha

¹ A organização cristã "The Navigators" foi fundada nos Estados Unidos, em 1934, por Dawson Trotman (Daws).

já naqueles dias, quando viajava pelas Américas, em aviões DC-3, reabilitados da Segunda Guerra.

É fascinante ler suas cartas, emprestadas dos arquivos de Colorado Springs (sede dos Navegadores nos EUA), e ver o entusiasmo de Dawson em começar, sem demora, um trabalho em quase todos os países que ele visitou. Ele pensava em cinco Navegadores para lugares como México, Caracas, São Paulo, Montevideu e Buenos Aires. Pessoalmente, fico animado em saber que esse homem de visão estava pedindo a Deus homens e mulheres para essas cidades, quando eu² ainda estava longe de Deus, e ver que, cerca de sete anos depois, eu estava em San José, Costa Rica, onde Dawson Trotman e seu amigo Lorne Sanny tinham estado, pedindo a Deus trabalhadores para a América Latina. Creio que só quando chegarmos ao Céu entenderemos o quanto devemos às orações de alguns poucos homens de fé e de muita visão!

Brasil - 1963

Quando Dawson Trotman passou por Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, em 1952, ficou profundamente impressionado com a qualidade das pessoas que conheceu. Conversou com entusiasmo com seus colegas Navegadores sobre ter em breve um homem para o Brasil. Daws era um homem de fé e oração. Nada pessimista! Um homem para 100 milhões de brasileiros? Ele sempre pensou em termos da multiplicação espiritual que é possível quando você faz discípulos de Cristo. Hoje, os milhares de brasileiros que conheceram a Cristo e O seguem através dessa visão são um testemunho do poder de Deus para fazer grandes coisas quando há quem queira ir a lugares difíceis e cair na terra para morrer e depois se reproduzir com muito fruto.

Onze anos depois dessa visita, Jim e Marge Petersen saíram com sua filha Michelle em um navio que transportava bananas, para um futuro muito arriscado. O Brasil, naquela época, era um país com fortes e antagônicas correntes políticas e sociais. Era o maior país católico do mundo. Era uma mistura muito interessante de influências indígenas, africanas e europeias que produziu não apenas bons jogadores de futebol, mas pessoas muito entusiasmadas pela boa vida. Aquele primeiro ano foi de muito aprendizado sobre a cultura, a língua, os caminhos de Deus e muito mais.

Algo significativo aconteceu naquela época que precisamos saber se queremos entender a história dos Navegadores no Brasil. Jim estava lendo sua Bíblia em uma praia onde ele e Marge estavam tendo alguns dias para descansar de tudo o que estavam tentando assimilar e entender. Em Isaías 45:14, ele encontrou a passagem que guiou o seu futuro e o de todos os que o seguiriam. Diz assim:

² Samuel Clark.

"Assim diz o Senhor: A riqueza do Egito, e as mercadorias da Etiópia, e os sabeus, homens de grande estatura, passarão ao teu poder e serão teus; seguir-te-ão, irão em grilhões, diante de ti se prostrarão e te farão as suas súplicas, dizendo: Só contigo está Deus, e não há outro que seja Deus."
(Isaías 45:14)

Jim pensou que era disso que ele precisava, que Deus traria para ele alguns dentre aqueles jovens que enchiam as ruas da cidade, mas ele pensou: "Essa promessa foi feita a um rei persa, Ciro, não a mim". Mas, a passagem ainda estava em sua mente e ele não podia esquecê-la. Três dias depois, Deus o impressionou tanto com essa promessa que ele não pôde deixar de responder com fé e gratidão. Ele retornou à sua tarefa com um novo brilho e confiança de que Deus faria isso. Ele sentiu que era como ler o último capítulo da história de sua aventura no Brasil.

O que foi tão significativo para o seu trabalho? A frase "irão em grilhões". Essa foi a chave do problema. À luz das Escrituras, como Lucas 4:16-18; Colossenses 1:13; 2 Coríntios 4:3-4 e Atos 26: 17-18, Jim entendeu que todos os jovens brasileiros que via nas ruas eram prisioneiros do pecado, de Satanás, do mundo como um sistema oposto ao Reino de Cristo. Eles passariam a ele acorrentados e pela Palavra de Deus seriam libertados de acordo com João 8:31-36. A implicação inevitável dessa promessa era que não deveria ir às igrejas buscar seus frutos, porque eles eram frutos do trabalho de outras pessoas. Ele teria que ir para os perdidos e conquistá-los para Cristo. Não seria ético da parte dele e nem seria a tarefa que Deus lhe dera.

Tudo isso lhe custou tempo, lutas e sofrimento para aprender como fazê-lo na prática e entender as implicações a longo prazo. Graças a Deus não entendemos todas as coisas no seu começo, se assim fosse, talvez não continuássemos, porque esse caminho divino era solitário. Ele estava tentando fazer o que nenhum outro trabalhador dos Navegadores já havia feito: iniciar um trabalho apenas com os secularizados (pessoas longe da vida em igrejas). Ele enfrentaria muita oposição e resistência, mesmo de muitos de seus amigos e colegas Navegadores que não entendiam o que ele estava fazendo ou porque ele fazia daquela maneira. Era uma estrada bastante solitária que exigia bastante ajuda e apoio.

Um ano após a chegada dos Petersen, Ken e Carol Lottis vieram para também iniciar o mesmo processo de adaptação e aprendizado. Eles não poderiam ter encontrado melhores companheiros! Mesmo aqueles que os conheciam antes de chegarem ao Brasil não poderiam imaginar tal resultado. Eu creio que nem eles mesmos entendiam tudo a respeito do que estavam se envolvendo, mas estavam convencidos de que Deus os havia enviado, e não os Navegadores. Olhando para trás, podemos ver como os dons e as personalidades desses dois casais se combinaram. Eu os chamava de "A Dupla Dinâmica" toda vez que os assistia trabalhando juntos. Esses dois amigos me emprestaram suas memórias daqueles primeiros anos em Curitiba, quando os primeiros homens

começaram a crer e a viver vidas novas, e pude observar como Deus os guiou passo a passo para fazer amizades e compartilhar Sua mensagem. Não foi rápido. Não foi fácil.

Seu exemplo tem sido de tão grande importância que é difícil pensar em como seria o movimento dos Navegadores na América Latina, se Petersen e Lottis não tivessem aprendido a fazer evangelismo por meio de relações de amizade e não por confronto, como foi feito em outros lugares. É interessante que hoje, pelos livros e pela atuação de Jim Petersen em todo o mundo, essa seja a forma mais usada para o trabalho missionário dos Navegadores.

A ajuda de pessoas como Jorge Sánchez e Jim Downing (amigos membros dos Navegadores) foi de grande importância para conquistar o apoio da liderança internacional dos Navegadores.

A ironia e o grande senso de humor divino é que o primeiro homem que Deus lhes deu foi Osvaldo Simões, um "gigante" de estatura muito baixa, não exatamente "um sabeu", mas ele era um carvalho espiritual que anos depois se tornou o primeiro trabalhador brasileiro em tempo integral. Essa primeira geração de discípulos incluiu pessoas como Walter, Curt, Hans, Mario, Dalby, Reni e muitos outros que começaram a "abrir as Escrituras" com os "estranhos gringos". Eles tiveram que superar a imagem de O Americano Feio, (o título de um livro popular naqueles anos). Muitos acreditavam que eram agentes da CIA. Era uma atmosfera difícil para a amizade e eles de muitas maneiras tiveram que se tornar como aqueles que queriam ganhar para Cristo.

Aqui, dois testemunhos dos primeiros Navegadores (brasileiros) podem nos ajudar: o de Osvaldo Simões e o de Mario Vaz Nitsche.

Osvaldo Simões diz:

"Conheci Jim Petersen no final de 1963, quando ele veio me procurar em uma fábrica de plásticos onde eu trabalhava como químico. Um irmão meu havia lhe dado meu endereço quando Jim estava estudando português em Campinas.

Jim me convidou para jantar em sua casa. Depois do jantar, conversamos na sala e perguntei o porquê de ele estar em Curitiba. Não me lembro de tudo o que ele me respondeu, mas lembro que ele pegou uma folha de papel e desenhou algo que naquela época eu não entendia. Era a ilustração da 'Ponte' (ver ilustração na página 14). Mas isso não teve importância para mim e eu considerei apenas uma conversa social. (Jim acrescenta aqui que Osvaldo disse a ele: "Você percorreu toda essa grande distância apenas para nos contar isso?")

Ele me convidou outras vezes e, em uma dessas visitas, Jim me pediu para ajudá-lo no aprendizado do Português, na 'música da língua', porque não

queria falar com sotaque. Para retribuir sua gentileza, concordei em ajudá-lo. Com isso, tive que me envolver mais com a família dele e se iniciou uma amizade. Depois de algumas aulas de Português, ele me pediu para ajudá-lo na pronúncia de alguns versículos da Bíblia que ele estava memorizando. Este foi meu primeiro contato com as Escrituras.

Enquanto eu o ajudava com esses versículos, alguns deles tocaram meu coração. Era um sentimento novo para mim que eu não conseguia explicar. Não discuti nada disso com Jim. Eu guardei no meu coração. Até que um dia, perguntei a ele sobre o significado de um desses versículos. Era o que ele esperava e, com grande animação, explicou o significado. Outros versículos me tocaram e eu não tinha mais vergonha de perguntar o que isso significava. Minha curiosidade aumentou e ele finalmente me perguntou, já que eu estava tão interessado, por que não estudávamos a Bíblia juntos.

E assim começamos a estudar as Escrituras. Isso não foi fácil para mim por causa da minha formação esotérica e kardecista (um espiritismo muito forte no Brasil). Doutrinas como justiça divina, graça, ressurreição eram incompreensíveis para mim.

Acho que depois de três meses, em meio a muitas dúvidas, Jim me mostrou Romanos 5:8. Quando li esse versículo, me entreguei a Deus. Eu não tinha mais desculpas ou fugas. Assim como Paulo, 'as escamas caíram dos meus olhos' e podia reconhecer que de fato, eu era um pecador e receber o amor que não merecia. Isso foi em março de 1964.

A história da minha esposa Lenir começou em 1966. Ela era professora de Português em uma escola secundária. Era também advogada e queria fazer mestrado em Direito Florestal. Ela conhecia um estudante de Engenharia Florestal que estava estudando a Bíblia com Jim. Por meio desse amigo, ela também começou a estudar as Escrituras e conheceu a Cristo nesse ano."

Mario Vaz Nitsche diz:

"Quando eu era criança, descobri que não tinha interesse nesse fenômeno chamado 'igreja'. Até hoje tenho pouco interesse nisso. Mas quando tirei a religião da minha vida, também estava tirando Deus. A partir daí, tudo foi abaixo. Nos anos que se seguiram, tentei encontrar Deus de outras maneiras. Naquela época, houve muito confronto com os militares e, em certa medida, me envolvi neles. Hoje vejo que houve uma influência positiva e que ganhei pelo menos um pouco de cultura. Mas, o mais importante é que eu tinha a porta fechada para qualquer comunicação com um Deus pessoal junto com as estruturas religiosas.

Parece-me que foi em 1965 que o Dr. Hans Burke, um professor suíço, veio a Curitiba para dar uma palestra sobre os princípios da Psicologia Infantil. Foi muito bom e bem feito, mas o Dr. Burke baseou suas observações em um fator

que ele considerou relevante: Deus. Eu discordei dele e tivemos um bom começo de uma grande discussão filosófica. Toda essa palestra foi traduzida por alguém que mais tarde seria um dos meus grandes amigos: Jim Petersen. Daí em diante, começamos uma boa amizade com conversas ricas, caminhadas nas montanhas e cafezinhos. De vez em quando, o assunto da palestra do Dr. Burke fazia parte da nossa conversa e, assim, entramos no Novo Testamento, através do livro de Romanos, vendo todos os documentos originais.

Isso durou quatro anos. (Jim me contou que Mario participava de alguns estudos e ficava fora por semanas ou meses, mas, quando retornava, sabia exatamente onde eles estavam na leitura das Escrituras.) Durante esse período, foi notável a liberdade que eu sentia por estar nas Escrituras com meu amigo Jim e aprender das suas convicções. Parece-me, olhando para trás, que de uma maneira normal e espontânea, algumas ideias surgiram e amadureceram em mim no contexto da vida e da amizade.

Eu nem me lembro quando ficou claro para mim que havia um Deus pessoal e que Cristo foi a entrada Dele na nossa cultura/mundo em um corpo como o nosso, sujeito às leis da gravidade. Mas foi um processo contínuo, construindo verdades sobre novos fundamentos.

Muitas coisas aconteceram durante os quatro anos anteriores a esse entendimento, e a partir daí surgem novos amigos, novas descobertas, casamento, filhos e, acima de tudo, a presença de Deus e a compreensão do porquê de Jesus Cristo. É uma aventura fascinante que continua até hoje. É uma nova compreensão da vida como um todo." (Mario uma vez disse a Jim que era a vida familiar deles – Jim e Marge – que o fazia entender que ele nunca poderia ter uma família como essa sem Cristo.)

Em 1966, Petersen e Lottis observaram que o crescimento numérico havia estagnado. Deus os levou a usar um método que eles chamaram de "estudos abertos", grupos de amigos que se reuniam para comer um churrasco delicioso, jogar e depois ouvir uma "palestra" (fala sobre um tema bíblico) com franca discussão depois. Esse método simples os levou a entrar naquele estágio de multiplicação espiritual porque cada cristão poderia convidar seus amigos e, em seguida, abrir as Escrituras com aqueles que demonstrassem interesse. Logo, os cristãos brasileiros estavam dando as palestras e respondendo às perguntas. Eles cresceram muito mais com esse "exercício espiritual". De fato, é algo que nossos amigos Petersen e Lottis aprenderam muito cedo: nunca faça o que um cristão nativo pode fazer. Os trabalhos precisam crescer espiritualmente para crescer em número, algo que muitos, aparentemente, nunca aprendem.

Paralelamente, Deus abriu uma incrível oportunidade no relacionamento de Jim com um missionário luterano, Jack Aamot; Jack retornou de sua primeira licença nos EUA e descobriu que a igreja que ele havia fundado, praticamente, havia desaparecido. Ele

consultou seu amigo Jim e ele lhe mostrou que, provavelmente, a sua mensagem não estava completa. No decorrer da conversa, Jim mostrou a ele uma ilustração da "Ponte" (ver ilustração na página 14) e Jack viu que era isso que seus companheiros luteranos haviam perdido em seus cultos e programas religiosos: precisavam do Evangelho. Jack resolveu compartilhar essa ilustração com cada um dos 10.000 luteranos, no sul do Brasil.

Não sei se o amigo Jack alcançou seu objetivo, mas essa mensagem simples revolucionou a Igreja Luterana Brasileira. Em pouco tempo, Jack disse a Jim que havia entre 450 e 500 novos cristãos nas igrejas e ele queria saber o que fazer com eles. Por anos, Jim apoiou esse trabalho nas igrejas sem misturar os tipos de operações do Espírito de Deus, dentro e fora da igreja como uma organização religiosa. Uma vez eles tentaram ter um encontro entre as pessoas secularizadas e as religiosas, e não obtiveram um bom resultado. Havia muitas diferenças e experiências culturais entre essas duas "formas". Jim e Ken entenderam a diferença entre forma e função como resultado dessas tentativas de misturar seu trabalho e com a inclusão de um jovem pastor luterano, Aldo Berndt. Aldo viu o que Jim estava fazendo e ele também queria ajuda para fazer o mesmo em seu trabalho como pastor. Jim o ajudou, mesmo morando em Curitiba e Aldo, em Florianópolis. Aldo logo teve discípulos em sua congregação, como Elísio Eger, um estudante universitário. Aldo começou a ajudar Elísio e aqueles que ele estava evangelizando. Deus os abençoou tanto que sua atuação fora da igreja era maior do que dentro dela.

Aldo Berndt diz:

"Em fevereiro de 1965, comecei meu trabalho como pastor na Igreja Luterana de Florianópolis. Em dezembro do ano anterior, terminei meus estudos de teologia. Esta foi a minha primeira experiência como pastor. A teologia que estudei era muito liberal e extremamente teórica. Na minha vida pessoal, eu havia perdido o foco do andar pela fé. Andava novamente com um vazio e não tinha nada a oferecer às pessoas que procuravam ajuda para a vida espiritual. Pouco a pouco, Deus me fez voltar a desejar o primeiro amor novamente. Foi então que, nas férias, encontrei um primo que me disse que havia chegado à fé em Jesus. Foi com ele que recebi a primeira ajuda na leitura da Palavra na simplicidade da fé. Nas férias seguintes, ele me ensinou a ler o Evangelho de João para conhecer a Jesus. Foi uma grande descoberta.

Em janeiro de 1967, conheci Jim Petersen, que também estava de férias na mesma praia. Ele me ouviu e me orientou a procurar mais ajuda com Jack Aamot, que era pastor luterano. Em 1969, quando Aamot foi para os Estados Unidos, comecei a passar tempo com Jim. Nesses dias, muitas igrejas luteranas de Florianópolis estavam chegando à fé em Jesus. No entanto, houve um grande desconforto no meu coração. Eu queria muito comunicar a mensagem de Cristo àqueles que estavam longe da vida da igreja.

Foi então que ficou claro para nós o chamado para fazer discípulos entre 'os gentios', isto é, aqueles que vivem longe da comunidade religiosa. Em

fevereiro de 1971, deixei a igreja luterana. Foi quando me tornei tempo integral no trabalho do Reino junto com Jim e Ken. Para mim, sempre foi apenas uma coisa: seguir um chamado de Deus.

Todos os anos, Jim participava de uma reunião em Colorado Springs (sede dos Navegadores) com o que hoje seria a Equipe Internacional de Diretores. Cada vez era mais difícil ajudá-los a entender o que estava acontecendo aqui, com o Evangelho de Cristo e Suas manifestações com as pessoas. Acredito que, a partir de então, Deus começou a abrir o entendimento para algo que não estava tão claro antes. No entanto, acho que a atitude de Jim e Ken de não tentar impor nada aos outros criou um grande espaço de liberdade. Esse espaço, acima de tudo, resultou do fato de que eles fizeram tudo tendo como referência apenas e tão somente a Palavra de Deus. Tudo isso ficou ainda mais forte quando, em 1973, Jim trabalhou com Lorne Sanny (presidente dos Navegadores na época) por dois anos em um projeto que ele chamou de 'Os Fundamentos do Ministério'. Depois disso, começaram a surgir convites de todo o mundo para ouvi-lo sobre o que Deus lhe havia ensinado em sua época na América Latina."

Um passo importante foi dado em 1969, quando Jack e Barbara Combs chegaram e se uniram com a família Lottis para começar o trabalho em Porto Alegre, em 1970. A equipe de Curitiba os ajudou a começar, fazendo centenas de entrevistas na universidade para encontrar pessoas interessadas. Essa visita também ajudou aqueles amigos de Curitiba.

Em 1971, Jim e família mudaram-se para Florianópolis com o objetivo de trabalhar em conjunto com Aldo e família, tendo em vista uma mudança que Jim faria quando assumisse a liderança de toda a América Latina. Essa mudança foi necessária porque havia outros trabalhos na América Latina que precisavam de supervisão e da ajuda estratégica que Jim poderia nos dar no México e na Venezuela, além de Costa Rica. Jim e Aldo começaram a visitar profissionais recém-formados do movimento universitário em Curitiba e descobriram que tinham muitas necessidades para enfrentar em suas novas vidas, no trabalho, no casamento e na comunidade. Foi nessa época que cinco destes recém-formados foram juntos para São Paulo procurar emprego e iniciar um trabalho de discipulado lá.

Outro conceito que Aldo ajudou a entender melhor foi o que se refere às diferenças entre "igrejas judaicas" e "igrejas gentílicas". A Igreja Luterana era uma igreja "judaica" para Aldo: leis, regras, formas religiosas, sacerdotes etc. A "igreja gentílica" que ele viu com Jim e Ken era algo que ele podia entender como realmente livre da lei para servir a pessoas não religiosas. Osvaldo e Lenir primeiro e depois Aldo e Aracy se juntaram à equipe de trabalhadores em tempo integral em 1972 e 1973, respectivamente.

Naqueles primeiros anos da década de 70, chegaram Fernando González e Ray e Sharon Rice. Fernando era um físico nuclear que estava pronto para obter seu doutorado nos

EUA, quando sentiu que Deus queria usá-lo no Brasil. Os brasileiros começaram a ajudá-lo com seu sustento para que ele pudesse se dedicar ao trabalho com as pessoas. Fernando e sua esposa Ieda e a família Rice foram a Ribeirão Preto para iniciar um grupo na universidade. Eles logo viram resultados muito bons e alguns deles ainda seguem atuando em Ribeirão Preto e em outros lugares, como Aramir e Rita Lisboa, em Natal.

Em 1973, Mario e Sueli Nitsche foram separados para trabalhar em período integral com o Evangelho, em Curitiba. Outras pessoas valiosas vieram dos EUA para ajudar nos anos 70: David e Beatriz Hicks, Susan Glibe, Bo e Judy Young, Daniel e Susana Greene, Tom e Dana Steers. O trabalho já estava estabelecido em cinco cidades. Houve muito crescimento nesses anos. Aldo Berndt foi nomeado líder da equipe brasileira exatamente no momento de maior expansão. Jim Petersen passou dois anos desenvolvendo o que eles chamaram de "A Filosofia do Ministério" para unir o trabalho dos Navegadores no mundo inteiro, que estava se desintegrando em termos de visão, missão e ministério. Jim teve uma contribuição incalculável para essa visão, algo que estava faltando; com sua experiência no Brasil, ele tinha um exemplo de como nós, Navegadores, podemos exercer nosso trabalho com unidade e sinergia. Jim e sua família voltaram ao Brasil para morar em Campinas até 1984, quando ele foi morar em Colorado e fazer parte da liderança internacional dos Navegadores. Aldo assumiu o cargo de líder do trabalho dos Navegadores na América Latina e Mario assumiu a liderança no Brasil. Foi nessa época que Ken Lottis recebeu a responsabilidade de ajudar a todos que estavam distantes das suas turmas de origem, a não apenas sobreviver, mas iniciar novos grupos com as Escrituras.

Miguel e Claudete Fleck se mudaram para o Rio de Janeiro em 1980 e começaram a abrir as Escrituras com amigos, enquanto trabalhavam na venda de sapatos para se sustentar. Evilasio e Mari Gioppo foram para Recife para iniciar um trabalho com estudantes, em 1985. Daniel Wolfard os acompanhou, e mais tarde Glenn e Michelle McMahan foram apoiar Evilasio e família. Douglas e Evelyn MacKenzie chegaram ao Brasil e, depois de alguns anos em Campinas, começaram o trabalho em Natal, em 1990, junto com Aramir e Rita Lisboa, vindos de Ribeirão Preto.

A equipe nacional cresceu muito no início dos anos 90: Blake e Shyrley Soulé, Roberto e Rosana Blauth, Almir e Mitzi Pigari, Giba e Neca Loth, Márcio e Alessandra Gomes da Silva, Pepê e Marta Meningroni, Don e Marion Caulkins, dos EUA e Jack e Karen Benjamin, da Colômbia. Nos primeiros anos do novo século, Harry e Robin Durgin, Mike e Janet Rodgers chegaram para trabalhar em Campinas.

O trabalho brasileiro tem sido generoso ao enviar seus trabalhadores para outros países. Osvaldo e Lenir Simões chegaram ao México, em 1972. Fernando e Ieda González foram à Argentina para ajudar no início da atuação dos Navegadores naquele país. Então, Fernando e Ieda passaram dois anos na Espanha como apoio nesse difícil trabalho. Anos depois, viveram por um período em Denver, EUA, para ajudar outro grupo dos

Navegadores nessa cidade. Elísio e Celina Eger foram à Argentina para colaborar com os que já atuavam naquele país. Aldo e Aracy Berndt passaram quatro anos em Bogotá, Colômbia, no início da formação daquele grupo. Depois passaram dois anos na Espanha, como apoio à equipe europeia, transmitindo-lhes a visão de um evangelismo através de relacionamentos, que haviam ajudado a desenvolver no Brasil e, posteriormente, na Colômbia. Em junho de 2008, Marcio e Alessandra Gomes da Silva foram trabalhar com universitários, em Salamanca, na Espanha.

É claro que não mencionei muitos bons amigos que foram frutíferos nos diferentes trabalhos, mas acho que é um dos países onde tem se formado mais trabalhadores. Em cada cidade há muitas pessoas atuantes e a obra continua a crescer. Muitos dos estrangeiros que ajudaram nos primeiros anos se foram, mas suas boas sementes continuam a dar frutos e colheitas abundantes.

Quais foram os pontos mais fortes do trabalho brasileiro que facilitaram seu tremendo crescimento por 34 anos? Ken Lottis compartilha quatro fatores principais:

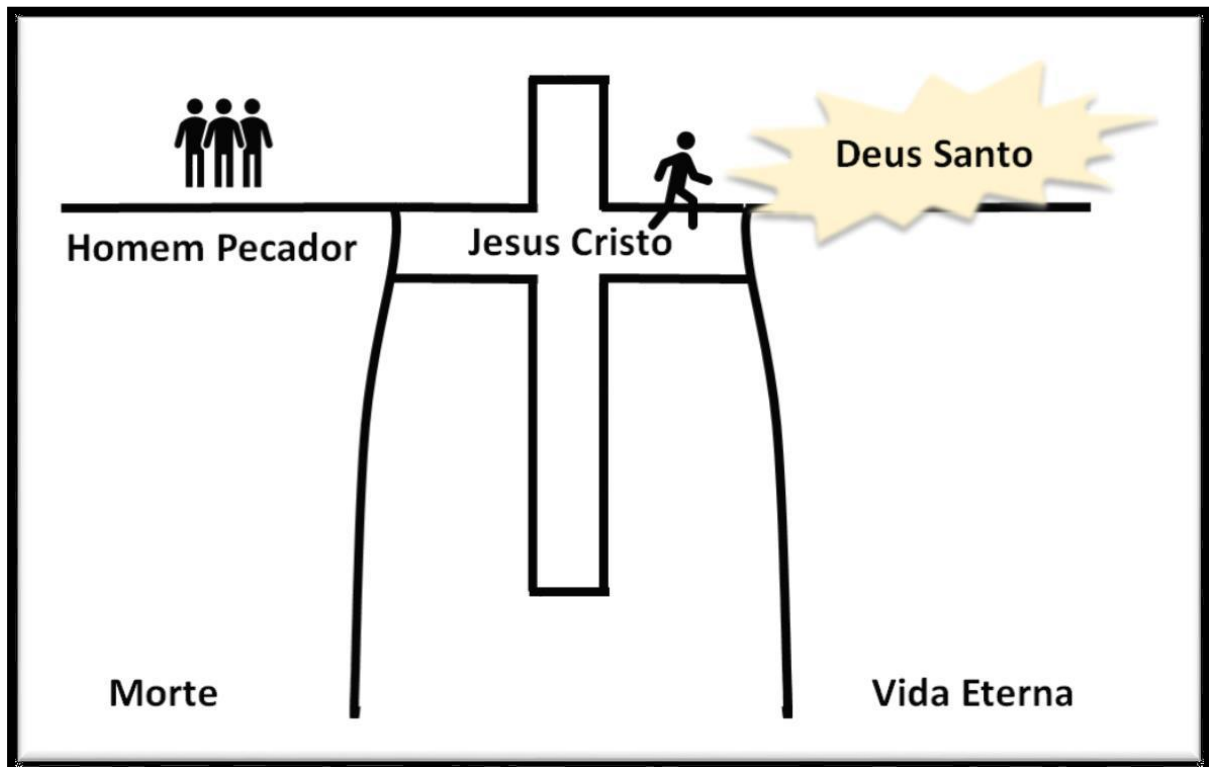
1. Oração. Eles pediram e Deus respondeu com homens e mulheres excepcionais.
2. Dependência em Deus e nas Escrituras, não em métodos ou materiais humanos desenvolvidos em outros tempos e para outro tipo de pessoas.
3. Dar responsabilidade aos brasileiros logo no início para demonstrar que o trabalho era realmente deles.
4. Cuidar dos formados dispersos para ajudá-los a funcionar bem em outros contextos.

Minha primeira visita ao Brasil foi em 1973 e sempre fiquei impressionado com duas coisas que acho que têm muito a ver com o crescimento brasileiro: a importância das amizades e sua própria identidade como um movimento nacional, com lealdade impressionante. Eu acho que o trabalho é brasileiro de verdade por estas razões.

Um dos problemas que têm ocorrido em outros países da América Latina é tentar imitar o "modelo brasileiro", sem entender por que aqueles primeiros missionários faziam o que faziam. Jim e Ken seriam os primeiros a dizer que não foi ideia deles, e que eles apenas seguiam as instruções do Mestre e Seu manual, algo que cada um de nós deveria fazer. O que realmente nos ajuda é ver como Deus os guiou passo a passo para procurar esse mesmo guia em nosso trabalho. Nenhum outro país é como o Brasil na década de 1960. Todo país, toda cidade, toda situação precisam dessa orientação do Senhor para fazer o que Deus deseja. Os princípios são válidos para nos ajudar a encontrar essa direção, mas o objetivo é ver essa multiplicação espiritual funcionando em todas as cidades do mundo. As formas devem seguir a função e não são elas (as formas) que valorizam um trabalho, e sim os resultados desejados.

(Muitas dessas informações vieram de Jim Petersen, Ken Lottis e Aldo Berndt.)

Ilustração da Ponte



Romanos 3:23-24
Romanos 6:23
Hebreus 9:27

Efésios 2:8-9
Romanos 5:8-9
1 Pedro 3:18

João 3:16
João 5:24
Apocalipse 3:19-20

A Nossa História com a Perspectiva Atual (2020)

“Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas.” (Lucas 1:1-4)

Estes versículos expressam o nosso sentimento com relação à nossa história. Buscamos algumas pessoas já citadas por Samuel Clark, para atualizar informações e sentimentos sobre o que Deus tem feito entre nós. Algumas das descrições feitas pelas pessoas já fazem parte do relato de Samuel. Achamos importante incluir a perspectiva atual dessas pessoas nos assuntos levantados.

Elaboramos algumas questões apenas para levantar os assuntos relativos à nossa história, dando liberdade ao entrevistado de contar o que sentisse necessidade de relatar. As perguntas foram:

- 1) Quais momentos ou episódios da nossa história foram cruciais para a existência e continuidade do nosso movimento?
- 2) Quais conselhos ou advertências você daria às diferentes gerações existentes atualmente na nossa turma?
- 3) A relação com a igreja instituída e sua influência sempre foi um ponto de tensão com o nosso movimento, em razão da nossa visão e formas. Podemos ser mais abertos a esta influência hoje?
- 4) Quais os sintomas de que possamos estar "abandonando nosso primeiro amor"? (Apocalipse 2:4)
- 5) Como identificar na nossa realidade, que Deus possa estar "movendo de lugar nosso candeeiro" (Apocalipse 2:5)?

As respostas das pessoas foram dadas através de relatos escritos por elas mesmas, e outras por conversas virtuais. Isso explica algumas diferenças na extensão e na maneira das respostas.

Agradecemos a todos pela sua disposição em responder e relatar a história que Deus tem escrito ao longo dos anos da existência de nossa turma: Jim Petersen, Osvaldo e Lenir Simões, Ieda Gonzalez, Aldo Berndt, Mario Nitsche, Luiz Marcos Abrão e Valter Hermann. Muitas outras pessoas fazem parte dessa história e tiveram uma contribuição especial no plano de Deus, cada uma como membro importante do Corpo de Cristo.

Jim Petersen

(e-mail recebido em 19/03/2020)

Eu estou muito grato a Deus por Ele ter posto no coração de vocês trabalhar neste projeto. Vai exigir muito esforço, mas muitos serão beneficiados.

Vocês fazem cinco perguntas na carta que enviaram e eu responderei duas delas nesta primeira parte, mas alguma coisa desta primeira parte vai abranger aspectos das outras três perguntas. Fiquem à vontade para me escrever de volta com alguma questão a mais que possam ter.

Sua primeira questão foi: Quais momentos ou episódios da nossa história foram cruciais para a existência e continuidade do nosso movimento?

Vou contar um pouco da nossa história. Marge e eu fomos a uma escola de línguas em Campinas no outono de 1963. Após aproximadamente 3 meses, comecei a duvidar e imaginar se nossa decisão de mudarmos para o Brasil era realmente de Deus. Teria sido um momento de loucura da minha parte? Orei muito sobre isso...

Um dia, na minha leitura das Escrituras, estava lendo Isaías 45. Este trecho mostra a promessa de Deus a Ciro, afirmando que Ele, Deus, iria guiá-lo pelo caminho e remover os obstáculos e ainda usá-lo para libertar os cativos. Por ver que Deus estava com Ciro, estes cativos viriam presos em correntes. (Isaías 45:2-5,13-14).

Eu pensei que isso era exatamente o que eu precisava ver Deus fazendo aqui no Brasil, mas eu não sou Ciro e tudo isso aconteceu há 2.500 anos atrás. Não é para mim. Então Deus falou ao meu coração: "Eu posso me repetir... o que eu disse a Ciro eu estou repetindo para você". Depois de 24 horas de confusão nos meus pensamentos, eu peguei esta passagem das Escrituras como uma promessa a ser seguida. Agir assim teria suas implicações, entre outras coisas significava que começaríamos com os "cativos" e "pessoas presas em correntes", o perdido, e não com pessoas já dentro das igrejas. Então foi o que fizemos.

Nós logo percebemos que estas pessoas faziam parte de uma cultura afastada da cultura das igrejas instituídas. Eram pessoas informais, diferentes no que comiam e bebiam, na música que preferiam e até na maneira de se vestir. Nossa aproximação até eles foi de um amigo para outro amigo, para o amigo do amigo, e assim caminhou, com churrascos em alguns encontros. Fazíamos alguns estudos abertos apresentados por alguém da turma, nem Ken ou eu (Jim) conduzíamos. À medida que as pessoas mostravam interesse, convidávamos para ler a Bíblia com algum de nós. A partir deste ponto, após seis meses a um ano de estudos semanais no livro de João, acontecia o nascimento espiritual. Os estudos eram feitos um a um ou em um grupo de duas a três pessoas.

Aquela primeira geração cresceu e chegou a ter de 60 a 80 pessoas, quando eu comecei a me preocupar. O que iríamos fazer com todas aquelas pessoas? Formar uma

congregação? Ken e eu falamos muito sobre isso. Perdi o sono em algumas noites em razão desta questão. Então, em uma noite, Hebreus 3:13 me veio à mente – “exortai vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum seja endurecido pelo engano do pecado”. Compreendi que eles eram maduros o suficiente para cuidarem uns dos outros. Romanos 15:14 reforçou a ideia: “eu estou certo meus irmãos de que estais possuídos de bondade, cheios de todo conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros”. Eles não precisavam de nós como cuidadores (babás), mas que ajudassem, uns aos outros, a crescer. Então, Ken e eu nos reunimos com eles e olhamos juntos o que tínhamos vistos nas Escrituras e outros trechos que ensinam que o corpo deve trabalhar em conjunto, com cada um fazendo a sua parte de acordo com seus dons. Todos precisam jogar e não ser parte da plateia. Felizmente, isto funcionou bem no Brasil, onde pessoas naturalmente buscam sua turma. Dissemos a eles: vão e encontrem sua turma. E assim fizeram. Nos anos que se seguiram, fizemos muita coisa para ajudá-los em como andar juntos dentro de seus próprios mundos.

Então, à medida que esta geração completou sua graduação, nós os acompanhamos para os novos locais de vida e trabalho, ajudando-os a viverem biblicamente com suas famílias, nas suas profissões e na sociedade. Pergunte a Aldo sobre isso, pois ele pode relatar muito sobre esta atuação. Rodamos muitos quilômetros indo de uma cidade para outra. Ken fez o mesmo.

À medida que os recém-formados se estabeleciam em novos locais, nós os encorajávamos a convidar novos amigos para estudar a Bíblia com eles, explicando que isso era um hábito recente que tinham adquirido. A diversidade de dons foi ficando naturalmente evidente. Uns eram muito bons em exercer a hospitalidade, outros em agregar novas pessoas, outros podiam ensinar etc.

A Turma e o Movimento Luterano

Paradoxalmente, o pastor luterano Jack Aamot fez contato comigo em 1965. Ele tinha dado início ao seu trabalho como pastor da igreja luterana na cidade de Novo Hamburgo (RS). Esta congregação tinha 10.000 membros, mas a frequência à igreja girava em uma média de 126 membros. Eu sugeri que ele visitasse as casas destes 10.000 membros, se apresentasse como o novo pastor e oferecesse a cada um dos membros um resumo do que era a igreja e seus propósitos. Quando concordassem, ele deveria apresentar a ilustração da Ponte (conforme ilustração na página 14). Dentro de poucos meses, ele tinha em torno de 20 e depois 50 novos cristãos. Ele me contactou para saber o que fazer com estes novos membros. A partir daí, se iniciou um processo que durou pelo menos 10 anos. Encontrávamos em Lages (SC), que fica na metade do caminho entre as nossas cidades. Passávamos o dia discutindo os princípios básicos do discipulado. Ele criou grupos de ECO (estudar, comunicar e orar) para os novos cristãos. A igreja cresceu. Pastores das cidades vizinhas vinham visitar a igreja de Jack Aamot para ver o que estava acontecendo e usaram da mesma maneira de aproximação nas suas

igrejas. Então nós tínhamos dois movimentos em andamento. Nós os denominamos de: os Cristãos Religiosos e os Cristãos não-Religiosos.

Então, pensei que seria uma boa ideia reunir os dois grupos em um encontro. Planejamos um fim de semana para este encontro dos dois grupos em Gramado (RS), convidando aproximadamente 75 pessoas de cada movimento, totalizando 150 pessoas. Durante as reuniões, nós não cantamos, em consideração aos não-religiosos. Apresentamos alguns ensinamentos e tudo caminhou bem. A certa altura, fizemos um intervalo e todos foram para um bar perto do local do encontro. As pessoas do grupo dos religiosos permaneceram reunidas em torno das mesas do bar. Os não-religiosos ocuparam outro grupo de mesas. As bebidas foram pedidas... Coca-Cola para um grupo, cerveja para o outro grupo. Logo vieram os violões... um grupo cantando hinos outro tocando bossa nova. Julgamentos ocorreram partindo de ambos os lados. Nenhum lado poderia imaginar que as pessoas do outro lado seriam sérios seguidores de Jesus. As duas culturas se chocaram. Nunca mais tentamos reunir os dois grupos novamente... Ambos os lados perderiam sua identificação com o perdido no seu contexto, se os forçássemos a permanecerem reunidos. Em vez disso, o que fizemos foi reunir os líderes de ambos os movimentos regularmente e eles tiveram maturidade suficiente para compreender o que estava acontecendo.

Agora a pergunta! Qual dos dois grupos estava certo? Ambos estavam! Os dois grupos estavam caminhando na sua cultura, tentando alcançar os seus pares, os que fazem parte do seu mundo e convívio. Considerei esta situação como similar à que ocorreu no primeiro século com a primeira geração da igreja. O Evangelho começa entre os judeus. Estes novos cristãos judeus não poderiam imaginar alguém crendo em Jesus sem seguir Moisés e a Lei. Tudo isto está descrito na carta de Paulo aos Gálatas no Novo Testamento.

Escrevo tudo isto respondendo à pergunta sobre o relacionamento com as instituições. Somos da mesma família da fé junto com muitos deles, mas observei que, quando uma pessoa passa a pertencer a uma instituição (adotando a sua cultura), ela perde a comunicação e acesso às pessoas (família e amigos) que não compreendem o Evangelho de Jesus. Tenho visto isto acontecer em muitos países e de forma mais dramática na cultura muçulmana.

Vivemos em um mundo perdido e todos somos chamados a ser testemunhos vivos neste mundo. Temos que nos adaptar à cultura das pessoas. (1 Cor. 9:19-23; Lucas 19:10, etc.)

Tenho observado que raramente surge uma geração posterior quando pessoas abrem mão da sua cultura e adquirem outra em razão de crerem em Jesus.

Alguns pensamentos sobre as perguntas 4 e 5

4. Quais são os sintomas de que estejamos "abandonando nosso primeiro amor"? Apocalipse 2:4
5. Como podemos perceber que Deus possa estar movendo nosso candeeiro de lugar? Apocalipse 2:4-5

Este é um constante perigo para um movimento como o nosso. Eu poderia listar uma série deles ou poderia explicar o que pude ver como garantia contra o surgimento destes problemas. E isto é o que vou descrever a seguir.

Tem a ver com nossos corações. A situação em que nossos corações estão hoje vai determinar nosso futuro. Pensamos que são nossas mentes quem nos guiam, mas a mente é uma serva do nosso coração.

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração porque dele procedem as fontes da vida” (Provérbios 4:23)

“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.” (Isaías 57:15).

*“Porque, quanto ao Senhor, seus olhos estão sobre toda terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente Dele...”
(2 Crônicas 16:9)*

Há centenas de citações sobre o “coração” na Bíblia. Seria um exercício muito proveitoso para qualquer pessoa, ler as Escrituras sublinhando a palavra “coração”, de Gênesis a Apocalipse.

Eu tenho orado diariamente pelo Salmo 139:23-24.

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.” (Salmo 139:23-24)

Algumas vezes, quando eu oro por este salmo, eu sei que há algo errado no meu interior. É necessário humildade para admitir. As Escrituras exercem um importante papel nesta tarefa. Elas são a palavra de Deus e à medida que eu as leio, o Seu Santo Espírito fala comigo. Ele estabelece os padrões para mim. Meu principal objetivo na vida é ter um coração perfeito diante de Deus, amá-Lo em retribuição ao Seu amor por mim.

Discutir estes assuntos com alguns amigos e amigas me ajuda a esclarecer mais meus próprios pensamentos. Às vezes traz bênçãos a outros também.

Na verdade, não há nada de novo aqui. Precisamos do Espírito Santo, das Escrituras, oração, alguns amigos e amigas em Cristo, atentos ao perdido que pode estar ao redor de todos nós.

Abraços, Jim

19/03/2020

(Sugerimos a leitura do livro de Jim Petersen, Igreja Sem Paredes, que acrescentará importantes informações e conteúdo das Escrituras neste assunto.)

Osvaldo Simões

(Conversa virtual ocorrida em 04 de abril de 2020)

Como todos sabem, Osvaldo e Lenir Simões fazem parte dos primeiros contatos feitos pelos iniciadores do nosso movimento, Jim e Marge Petersen e Ken e Carol Lottis. As respostas às perguntas vieram ao longo de uma ótima conversa pelo Skype, quando Osvaldo foi relembrando fatos e histórias marcantes da vida deles e que fez questão de ressaltar como sendo escrita por Deus. Quem os conhece sabe da autenticidade e importância destes relatos. A ordem dos assuntos seguiu de acordo com o que ia sendo lembrado e não a ordem em que as perguntas foram feitas previamente.

O primeiro ponto salientado por Osvaldo foi a importância do livro [A Turma: Uma Aventura de Fé e Amizade](#), escrito por Ken Lottis. Considera uma boa ferramenta para as próximas gerações e fonte de informações.

Osvaldo não se considera um empreendedor, não é de fazer planos a longo prazo e sempre busca fazer aquilo que Deus o está movendo a fazer. Citou o exemplo de Abraão como alguém que obedeceu a Deus indo "para a terra que te mostrarei", como é narrado em Gênesis 12:1. As circunstâncias não mudam sua conduta. Neste momento, não conseguia lembrar um fato que tenha sido crucial para o nosso movimento, mas depois lembrou que, em Curitiba, a família de Ferré e Maria Lúcia acolheu em sua casa muitos eventos e pessoas por um bom período, tornando-se um fator agregador da turma. O mesmo aconteceu com Paulo Sérgio e Meri em Porto Alegre, com o terreno que tinham e disponibilizavam para os encontros e reuniões, churrascos etc. A dedicação dessas famílias fez com que pessoas se encontrassem, confraternizassem e convivessem em um ambiente onde a presença de Jesus se evidenciasse. Gerações passaram por estes locais. Situação marcante e criada por Deus.

Houve um período em que Osvaldo morou com a família de Jim Petersen. A família frequentava uma igreja (não lembrou qual, se metodista ou batista) aos domingos, e Osvaldo os acompanhava. Passado algum tempo, expressou a Jim que ficava desconfortável com o ambiente e não com o que era ensinado. Jim foi sensível e uma boa conversa resolveu o assunto. Jim e família também não foram mais à igreja, revelando atenção e cuidado com aquele jovem que iniciava sua fé fora do ambiente religioso.

Surgiu a pergunta: "Como aparece o chamado ao secularizado (não-religioso)?" Respondeu que com ele, naturalmente as coisas foram acontecendo, lembrando a promessa que Jim recebeu de Deus (Isaías 45:14). Sentia-se incluído e tranquilo nesta promessa, dentro da história que Deus estava escrevendo, cumprindo o que havia prometido.

Outro momento que podemos chamar de crucial na sua vida foi a decisão de dedicar-se exclusivamente ao trabalho do Reino de Deus. O convite, feito por Jim, veio quando Osvaldo e sua futura esposa Lenir eram noivos, e sentiu que devia prepará-la, explicando

o tipo de vida que teriam dali por diante. Lenir era uma profissional que tinha um bom trabalho e salário, e os planos profissionais de Osvaldo eram de fazer uma pós-graduação, mas possivelmente não seguir a carreira profissional. Após explicar os planos, a atitude dela foi decisiva no caminho proposto. Disse que, se Deus o estava chamando, ela trabalharia profissionalmente e ele seguiria dedicado, totalmente, ao trabalho com as pessoas. Uma decisão conjunta e uma compreensão clara do que Deus estava fazendo.

Nesta altura de nossa conversa com Osvaldo, surge um tema muito relevante para ele, em que se mostra sempre muito zeloso e cuidadoso: **a sã doutrina**. Pedimos que comentasse um pouco sobre o tema. Um dos comentários foi o de não mudar nada para agradar pessoas.

Dentro de um chamado de Deus, qualquer expressão, formato ou prática que não seja atrativo ao de fora vai atrapalhar. Citou como exemplo o canto, batismo e outras práticas que em si são boas onde estão, mas que causam confusão se querem ser introduzidas em um ambiente onde isso não é praticado por razões de visão e chamado ao secularizado.

Na história do nosso movimento, aconteceram situações em que pessoas participantes da Turma insistiam em introduzir práticas que eram usadas em outro ambiente, gerando confusão. Foi necessário intervir com firmeza para impedir a continuidade desta influência, em defesa daquilo que se estava fazendo no chamado que nos foi dado.

As conversas nos grupos da Turma são uma boa oportunidade para esclarecer os conceitos. Se pessoas querem ir a uma boa igreja, não vê problema, se querem frequentar a igreja e a Turma, também não, desde que não tragam coisas de lá para cá. Com o tempo, elas farão uma escolha.

Um conselho muito valioso foi dado aos novos: entender e viver o que é o Corpo. Nós somos os membros, cada um deve entender o seu lugar para evitar problemas como competição, liderança, disputas, destaques ao que tem “o melhor papo”, etc... Estar envolvido nestas disputas revela que o lugar desta pessoa no Corpo de Cristo não foi bem compreendido. Para Osvaldo, o importante é saber do Espírito Santo o que tem que fazer hoje, amanhã etc. A pergunta a respeito de sintomas de que possamos estar “abandonando nosso primeiro amor” (Apocalipse 2:4) levou Osvaldo a rever anotações de antigas reuniões da equipe nacional de que participou, onde via nos participantes o zelo e cuidado de buscar as respostas de Deus sobre a Sua vontade para os mais variados assuntos e problemas do momento e do futuro. Havia um sincero desejo de agradar a Deus, mesmo com as limitações humanas. Destacou, dentre outras coisas, o trabalho de Mário Nitsche com a equipe nacional, o trabalho de Ken Lottis com os formandos, impulsionando alguns para os locais onde Deus os queria (por exemplo, o trabalho em São Paulo começou com um grupo de profissionais recém-formados em busca de emprego naquela cidade), trabalho local, trabalho universitário etc. O que foi necessário fazer foi feito com muita dedicação.

Ele entende que após este período, os tempos integrais sentiram a necessidade de abrir espaço para as turmas locais passarem a ter mais liderança e influência no trabalho.

Quanto ao assunto de liderança, Jim Petersen foi lembrado dizendo: “devemos ter cuidado com as crises no meio da Turma, para que não fiquemos ocupados só com elas e esqueçamos do evangelismo, ambos devem funcionar”. O trabalho deve ser leve e sério, somos parte de uma história que Deus vem escrevendo, sem buscar grandes lances. Deus vai falando de tempos em tempos. Lembrou Mateus 15:13, onde Jesus diz que “toda árvore que o Pai não plantou será arrancada”. Não quer atrapalhar Deus, quer trabalhar e atuar naquilo que Deus quer. Não insistir em coisas que Deus não plantou e que depois serão arrancadas. Andar no Espírito. Em mais uma citação das Escrituras, Osvaldo lembra Atos 9:31, onde a igreja “caminhava no temor do Senhor e ia sendo edificada”. Isso o tranquiliza, o Evangelho é simples, nós é que complicamos, mas Deus faz.

O convívio com grupos de outra esfera de atuação, como os luteranos no início do trabalho no Brasil (situação descrita por Jim em suas respostas), trouxe contribuições, como planejamento e compromisso, e algumas desaprovações em razão de formas e diferenças dos dois ambientes e maneiras de viver o cristianismo. Neste período, Osvaldo estava se preparando para ser um tempo integral, deixando sua vida profissional. Ceder a pressões ou a críticas poderia ter mudado o rumo de suas vidas, porém os temores e preocupações de Osvaldo diante desta decisão foram aliviados com uma frase de Jim, que disse: Osvaldo, você vai ter muitos amigos que o apoiarão e entenderão o seu chamado (lembramos a frase de Jesus em Marcos 10:29-30).

Osvaldo é muito grato por permanecer no plano de Deus, a cada dia, e sempre evidencia isso em toda a sua vida.

Lenir Simões

(Conversa virtual ocorrida em 02 de maio de 2020)

1) Como chegou a conhecer a mensagem de Jesus e a turma?

Lenir morava em Curitiba (PR), pois havia passado em um concurso e trabalhava lá, vinda de uma cidade do interior do Paraná (Cianorte). Durante este período, fez também o curso de Letras. Nesta época, era amiga de Evaristo Terezo, alguém que já estudava a Bíblia com Jim Petersen. Ele pediu para Evaristo apresentar a mensagem de Jesus a Lenir e começaram a estudar o Evangelho de João, mas ela não gostou do estudo achando "chato" tudo aquilo, e decidiram ver outra coisa nas Escrituras. Escolheram o livro de Romanos. Ela também não gostou, pois tinha muitas perguntas e Evaristo não sabia responder. Os estudos eram feitos em um banco de uma praça, o que causava muito constrangimento quando seus amigos passavam por ali e perguntavam o que estavam lendo. Os estudos prosseguiram, mas Lenir começou a se cansar daquilo, e Evaristo viu que não estava alcançando as expectativas que gostaria e decidiu apresentá-la a Jim.

Certo dia, Jim convidou-a para jantar em sua casa. Novo constrangimento surgiu aí, ao ponto de não querer aceitar o convite, mas acabou aceitando e conheceu Jim e sua família. Esta situação "quebrou o gelo" inicial de uma amizade que Deus formou entre Lenir e a família que ela estava começando a conhecer.

Era intenção de Jim sair de Curitiba e preparar Evaristo para que ele continuasse ajudando-a, mas Evaristo, por razões profissionais, mudou-se para outra cidade. Então, os dois começaram a estudar a Bíblia e logo ela foi percebendo que Jim tinha respostas para muitas das suas perguntas. Lenir começou a lecionar em uma escola e Michelle (filha mais velha de Jim) tornou-se sua aluna e assim o contato com a família se intensificou.

Nesta época, a turma de Curitiba era formada por alguns rapazes (Mario Nitsche, Osvaldo Simões, Curt, Egon, Hans, Walter Jark) e Lenir. Estavam sempre juntos e ela trazia suas amigas. Aconteciam muitos estudos abertos aos domingos pela manhã em um ambiente muito agradável onde se desenvolveram amizades, com a participação muito efetiva de Marge, esposa de Jim, onde se exercitou o servir e a comunhão entre todos. Lenir, que vem de uma formação católica, começou a ter mais clareza das Escrituras e a relação com Deus foi se tornando mais forte.

Lenir se recorda de uma viagem que fez a Porto Alegre com o grupo de Curitiba, 10 rapazes e ela, para fazer entrevistas na universidade, avaliando o interesse dos estudantes em ler a Bíblia da maneira como eles próprios faziam. Iam de dois em dois pelo campus conversando com eles. Lenir foi com Walter Jark (do grupo de Curitiba), na Faculdade de Agronomia. Da iniciativa deste grupo iniciou-se o trabalho em Porto Alegre.

2) Quais sentimentos acompanharam você no processo de atender ao chamado para dedicar-se exclusivamente ao trabalho de Deus com pessoas, juntamente com seu marido, deixando a carreira profissional?

Lenir relatou que não sabia bem o que era "tempo integral". Não existia este sentimento de ser "tempo integral". Osvaldo (seu marido) sentiu este chamado para continuar ajudando pessoas e foi falar com Jim, que falou com outros, em um encontro feito em Gramado (RS), do qual participavam também pessoas do grupo dos luteranos. Lenir exercitava o contribuir financeiramente, ajudando Fernando González, recém-chegado dos EUA, que precisava de ajuda, tudo com muita simplicidade. Não havia este conceito de ser tempo integral.

É bem claro, e faz parte das convicções de Lenir, que o chamado é de Osvaldo e que ela como auxiliadora idônea, participa junto com ele. Entende que o chamado da mulher é completar o marido caminhando juntos.

3) Como você vê o conflito entre vida do lar e caminho profissional para as mulheres nos nossos dias?

Lenir cita as Escrituras para destacar a maneira como Jesus valorizou o papel da mulher e Sua relação com elas. Em Lucas 10:38-42, o episódio que descreve Marta e Maria ilustra como Jesus, contrariando a cultura da época, que não permitia que a mulher se aproximasse de um rabino, valoriza o interesse de Maria em estar com Ele e ouvi-Lo. Realça o valor da mulher. Ela afirma: "Nosso papel é estar com nosso marido. Se a mulher tem um bom relacionamento com Deus, o que é prioridade, deve buscar com o marido seu papel como mulher, seguindo as prioridades: Deus, marido, filhos e se tiver pique para trabalhar fora, ótimo.". Cita também que muitas amigas suas, que têm marido e filhos, trabalham fora. Algumas levam bem a situação, outras sentem o *stress* das pressões. O importante em tudo isso é firmar e aprofundar o relacionamento com Deus.

Há um grande impacto nos jovens quando veem famílias firmadas nas Escrituras e na obediência a Deus. O testemunho destas vidas é muito especial nas mãos de Deus. Surgiu a pergunta se essas famílias citadas como exemplo de testemunho são formadas por casais em que ambos trabalham profissionalmente. Lenir responde que em alguns casos sim. Algumas mulheres que não exerciam sua profissão lutavam para sentirem-se valorizadas; mais tarde, viram o bom resultado em seus filhos e compreenderam a importância dessa decisão. O tempo do casal nas Escrituras, diante de Deus, é o contexto ideal para se formar e tomar suas decisões. Deus é pessoal, olha cada pessoa com muito carinho.

4) O que mais gostaria de acrescentar para ser passado para as próximas gerações?

Nossa confiança deve estar depositada em Deus. Ele nos deu um olhar para os secularizados. Nunca devemos abrir mão do que Deus deu ao nosso movimento. Precisamos preservar e cultivar a liberdade que nos foi dada. Em Mateus 9:36-38, Jesus ensina que a seara é grande, mas são poucos os trabalhadores. E estes não precisam ser tempos integrais.

Lenir quer ver a cidade repleta de pessoas cujas vidas sejam testemunhos vivos gerados por Deus, a multiplicação de trabalhadores.

5) De que não podemos abrir mão na nossa conduta?

Os essenciais têm que estar presentes, sempre: mensagem do Evangelho, tempo nas Escrituras, oração. O que pode mudar, os tempos vão mudando. Muita coisa vai mudar após a pandemia. Temos que nos adaptar às mudanças sem abrir mão dos essenciais.

Ieda Gonzalez

(e-mail recebido em 02/2021)

Fernando e Ieda Gonzalez, citados anteriormente, atuaram de forma expressiva na obra de Deus aqui no Brasil, como também em outros países. Fernando faleceu em novembro de 2014, e Ieda continua em Campinas (SP) participando da Turma naquela cidade. Tem três filhos, Karina, Fernando e Lucas, todos casados e com filhos.

Pedimos para Ieda contar um pouco da sua história e as experiências marcantes que fazem parte da sua vida. Segue o relato que ela nos escreveu.

Há alguns anos, quando ainda adolescente, tive o privilégio de conhecer uma família que impactou muito minha vida.

Eu nasci e cresci numa comunidade alemã no sul do Brasil. Cresci dentro da Igreja estruturada. Pensava que pelo fato de ser parte desta igreja, me tornava cristã.

A família que mencionei chegou ao Brasil ao mesmo tempo que uma outra família de missionários americanos. Se encontraram em Campinas, numa escola de línguas, com o mesmo objetivo – levar a mensagem do Evangelho para pessoas. Na primeira família estava o Jack Aamot, que veio para ser o pastor da igreja que eu pertencia.

A segunda foi para Curitiba, encontrar pessoas em contatos naturais da vida e transmitir a mensagem, Jim Petersen.

Embora em cidades e trabalhos diferentes, porém com o mesmo objetivo, eles se encontravam regularmente. Na época eu era secretária do pastor e fiquei muito impressionada com o relacionamento deles e a mensagem que traziam – que todos estamos separados de Deus pelo pecado e que pela cruz de Jesus podemos ser salvos. Fui entendendo que não se herda um relacionamento com Deus, que temos que nos posicionar diante de nosso pecado e diante de Deus.

Este foi o impacto das duas famílias em mim – me levaram a um nascimento espiritual.

No ano de 1967 conheci além do Jim Petersen, Aldo Berndt. A turma da igreja e os Navegadores se reuniam com frequência. Depois conheci o Ken Lottis e Jack Combs e famílias.

Depois dos primeiros passos nessa nova vida, descobri a riqueza do Salmo 37.

Confia no Senhor ...

Agrada-te do Senhor ...

Entrega teu caminho ...

Descansa ...

Espera ...

Lembro que numa das reuniões com Jim, ele disse que Deus tem três recursos para atingir o mundo com a mensagem:

Espírito Santo

Evangelho

Pessoas

Então comecei a orar para ser um recurso. Para Deus me preparar para isto. Mal sabia eu que Deus estava preparando outra pessoa, em outro lugar do mundo com o mesmo desejo.

Num futuro encontro daqueles, no ano 1970, veio com Jim e sua turma, um colombiano que estava morando com ele para aprender como ser um recurso de Deus. Foi então que conheci Fernando Gonzalez, que seria meu marido e companheiro na missão que Deus nos deu por 43 anos juntos.

Em 1971 nos casamos e mudamos para Ribeirão Preto, onde Fernando trabalharia como professor na Universidade para nos sustentar e encontrar pessoas dispostas a descobrir quem é Jesus. Mas, como seu dom era evangelismo, logo chegaram vários estudantes em casa para estudar as Escrituras. Logo nossos amigos viram a possibilidade e necessidade de nos tornarmos tempos integrais. Jim Petersen e Jack Aamot conseguiram juntar um número de pessoas que se comprometeram a apoiar financeiramente o nosso trabalho.

Um dos primeiros estudantes que encontramos em Ribeirão, foi nosso amigo Aramir Lisboa, estudante de Odontologia.

Depois de alguns anos aí, fomos convidados a ser parte de uma equipe para iniciar o trabalho na Argentina, onde moramos por 7 anos.

Ao nos tornarmos tempos integrais, senti grande alegria, porque era a resposta de Deus para meu pedido de ser um recurso para Ele. Mas, também apareceu o sentimento de insegurança. Teria as qualidades necessárias? Enfrentamos muitos desafios.

O exemplo de vida das pessoas citadas acima, e o fato de saber que Deus cuida dos seus, foi muito importante para eu acreditar que Deus nos supriria sempre. Crescendo em meu relacionamento com Deus aprendi a depender Dele cada vez mais e que Deus nos prepara para a missão que nos dá.

Depois da Argentina, mudamos para Espanha, de volta a Campinas, Dallas, e Denver.

Em todos os lugares onde moramos, a cultura era diferente, a língua era diferente, nós éramos diferentes porque amadurecemos na medida em que o tempo passa. Mas, o caráter e o amor de Deus sempre permaneciam constantes. Quando hesitamos com Deus, criamos um terreno fértil para a dúvida, o medo e a insegurança. Nada disso vem Dele.

Sempre volto para o Salmo 37, porque nossa vida é um eterno aprendizado. Para as novas gerações, gostaria de dizer que:

- quando Deus nos chama, Ele tem um proposito divino e nos capacita para este propósito.
- quando a dúvida e o medo nos assaltam, voltem para as Escrituras e creiam nas promessas. Agarrem-se a elas.
- nada é impossível para Deus!
- Tudo muda na vida da gente, mas, como diz em Malaquias 3:6, "Porque eu, o Senhor, não mudo".

Por isso vale a pena seguir o chamado Dele. Nunca vai nos desamparar – Isaías 46:4.

Aldo Berndt

(Conversa virtual ocorrida em 09 de maio de 2020)

A história vai ser descrita a partir do ano de 1958. Aldo era cirurgião-dentista na cidade de Lages (SC). Uma vizinha, cliente do consultório com sua família, frequentava a igreja presbiteriana e tinha uma academia de música do outro lado da rua. Aldo recebeu um convite para frequentar a academia, onde ela servia um bom café e tinham boas conversas. Foi a primeira vez que ele ouviu coisas ligadas ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Com o tempo foi aceitando este Evangelho. A formação religiosa de Aldo é de luteranos, descendentes de alemães.

No ano de 1959, Jesus torna-se uma realidade viva em sua vida, e vários fatos começaram a acontecer de maneira muito rápida. No final desse ano, fechou seu consultório em Lages, mudou-se para Blumenau (SC), inscreveu-se em um curso de teologia em um seminário luterano, curso este que durou cinco anos. Tornou-se pastor de igrejas sem nunca ter tido a experiência de frequentar uma igreja. Ganhou esta experiência frequentando seus próprios cultos.

Entre as pessoas novas que começaram a frequentar a igreja, percebeu que uma e outra eram tão arredias quanto ele mesmo era anteriormente. Eram "patos selvagens", como o próprio Aldo denominou. Um destes era Elísio Eger, que começou a frequentar os cultos que Aldo fazia. Começou a fazer muitas perguntas do tipo: "por que você usa essa roupa?", "por que só você fala no culto?", etc. Mas, com o tempo, Elísio parou com as perguntas e voltou a se acomodar. Isso assustou a Aldo, que o convidou, junto com outros, a continuar fora da igreja. Deus pôs no coração de Aldo esta atração por pessoas com este perfil ("patos selvagens"). Para buscá-los, teria que atuar fora da igreja, embora muitos da igreja tiveram suas vidas afetadas pelo Evangelho.

Aldo foi falar com os líderes da igreja e explicou o que estava fazendo, e foi bem compreendido pelo presidente, Sr. Karl Gottschalt, que o apoiou, inclusive financeiramente, para o que fazia fora da igreja.

Anos mais tarde, surge o termo "secularizado" e ficou mais fácil explicar para as pessoas o trabalho que fazia; antes, ele nem sabia como explicar. Perguntamos como Deus indicou esta direção, lembrando o lençol que Deus abriu para Pedro em Atos 10. Aldo diz que Deus pôs em seu coração, e que também era um "pato selvagem", que viera do mesmo ambiente.

Dois anos depois de se desligar da igreja, Aldo passou por um esgotamento físico que o levou a ficar três meses de cama e a se manter parado todo o restante do ano. Só voltou às atividades habituais em 1972. Por todo este período, a Odontologia também fez parte das atividades que Aldo exercia.

Nesta altura, um primo de Aldo, Jorge Hardt (Dinho), que morava em Curitiba, estudava a Bíblia com Jim Petersen. Este primo ficou muito feliz de falar de Jesus para alguém da

família e quis apresentar Jim a Aldo. Jim passava férias em uma praia de Santa Catarina e Aldo foi até lá para encontrá-lo. Esperava ver um americano do tipo mórmon e viu alguém bronzeado em trajes de praia, atlético e falando português muito bem. Situação muito inesperada para Aldo. A partir daí, iniciaram uma amizade.

Como Aldo era pastor, Jim o recomendou a um pastor luterano em Novo Hamburgo (RS). Não via Aldo como alguém identificado com a visão de atuação que ele, Jim, possuía. Este pastor (Jack Aamot) era um evangelista de massas e tentou colocar Aldo no mesmo caminho, o que por um tempo trouxe resultados. Mas logo Aldo sentiu que não era este o caminho ou visão que estava no seu coração.

Após falar com a liderança da igreja, voltou a procurar Jim e passaram a se encontrar regularmente. Neste mesmo período, Aldo conheceu Ken Lottis e Jack Combs, americanos que também eram parte da nossa turma, companheiros de Jim, dos Navegadores.

Já atuando com nossa turma, Aldo fez uma apresentação em um encontro ocorrido em Gramado (RS), encontro esse que incluía também os luteranos. Jim explicou a todos que Aldo estava deixando de ser pastor da igreja, e voltando a exercer a Odontologia. Precitaria do apoio financeiro de pessoas para se manter, ao dedicar o seu tempo também às atividades com o Evangelho. Aldo fez um orçamento de suas despesas (nunca havia feito antes) e as pessoas participantes do encontro que quisessem colaborar com ele escreveriam em um papel os valores que pudessem contribuir. Desta participação, viu que faltava apenas 10% do valor total necessário. Por esta diferença entendeu que deveria deixar a Odontologia e dedicar-se totalmente ao Evangelho. Encaminhou seu consultório a um amigo e seguiu seu envolvimento com pessoas na nossa turma. Passou períodos de "vacas magras, mas sem que uma vaca tivesse que comer a outra", períodos mais tranquilos, experimentando sempre a fidelidade de Deus no assunto. Desde 1971, passaram a viver do que entra na conta bancária e até hoje recebe olhares esquisitos cada vez que tem que explicar como vivem.

Os planos de Deus foram ficando mais claros para Jim, Aldo e Ken, e passaram a andar mais juntos. Jim mudou-se para Florianópolis, onde Aldo morava, para estar mais com ele, viajaram bastante até que chegou o dia em que Jim disse que iria embora dentro de dois meses. Ken explicou que não aceitaria assumir essa responsabilidade que Jim carregava, e que deveria ser Aldo a aceitá-la. Demorou a assimilar a ideia, mas viu que não tinha argumentos, sendo convencido por Deus.

Jim e Aldo, algum tempo depois, mudaram-se para Campinas (SP), pois os planos do trabalho visavam países da América Latina. Montaram uma equipe, a Latin American Navigators (LAN). Aldo seguiu com esta responsabilidade, até que sentiu que precisava dar oportunidade a outros e passou o encargo para Jim Payton.

Desde este tempo, vive em Florianópolis se posicionando como apoio às turmas, contribuindo com sua experiência e exemplo. O fazer discípulos e ajudar outros a fazer o mesmo, o motiva muito. "Discípulo é uma pessoa que multiplica, que não é mais espiritual

que outros, mas obediente". Sabe que esta definição não esgota o sentido do que é um discípulo. Hoje ajuda pessoas e vê que se multiplicam. Continua entrando nas Escrituras com os "patos selvagens", focando sempre a pessoa de Jesus. Percebe momentos em que a pessoa deixa de perguntar "mas vocês como respondem a ...?" para perguntar "e nós, o que pensamos?". Considera um momento muito importante na caminhada de uma pessoa em direção a Jesus quando ela se inclui entre aqueles que andam com Jesus.

A consciência do nosso chamado é de vital importância para a continuidade do que somos como turma. Buscar "patos selvagens".

Como vê o relacionamento com a igreja hoje?

No passado foram tomadas algumas medidas preventivas que revelaram, talvez, falta de maturidade no zelo ao nosso chamado. Pessoas no passado, frequentando ambos os ambientes, sentiam falta na nossa turma do que gostavam na igreja e queriam introduzir estas práticas no nosso ambiente. Neste assunto, Aldo é muito categórico dizendo que não cabe a nós "marcar a ninguém", não colocar selo em ninguém. Qual o chamado? "Não temos que criar instituições. Pessoas são acompanhadas até onde é possível acompanhá-las. Não temos que colocá-las dentro do que chamamos Navegadores. Devem ser ajudadas a viver seu cristianismo dentro das suas casas com seus familiares, amigos e relacionamentos. Este é o nosso chamado. A pessoa deve buscar de Deus onde Ele a quer e contribuir nesse ambiente. Não temos que pôr carimbo em ninguém, por isso não temos nome. Se algum grupo de pessoas insiste em ter nome, devem ser encaminhadas para boas igrejas. Essas pessoas não têm a compreensão do chamado aos 'patos selvagens'. As novas gerações têm modelos na nossa turma diante dos olhos, e se querem fazer algo que difere destes modelos, nós só temos que checar se é algo que vem de Deus, segundo as Escrituras, movidos pelo Espírito de Deus. Devem buscar igrejas que colocam Jesus e Sua palavra no devido lugar. Não induzir ninguém a nada."

Aldo expressou vários conceitos importantes e valiosos para nossa turma: "Não temos que responder perguntas pela geração atual, se nós respondemos as nossas no nosso tempo, eles vão ter que responder às deles. Já pensaram se nós, com as nossas preocupações, os induzimos a um caminho que não é o de Deus e que não faz parte do chamado que Deus tem para eles?" Foi notado que, hoje, há mais serenidade em como tratar este assunto. Aldo atribui isto ao fato que, no passado, éramos adolescentes na fé, reagindo algumas vezes, intempestivamente, em como tratar as situações. Inexperientes? Aldo adverte para que se tenha cuidado com a palavra "experiência". "Vivência não quer dizer experiência. Há pessoas com uma grande experiência em cegueira."

Aldo ressalta o valor, a especificidade e a singularidade do chamado que temos, pois, baseado em sua vasta experiência, vendo vários tipos de cristianismo em lugares diferentes, não conhece um lugar que tenha tanta atmosfera de liberdade como temos aqui. Graças à misericórdia de Deus conosco, a benignidade Dele tem nos preservado. Devemos ficar naquilo que realmente importa, sem aderir às coisas que o ser humano

gosta de inventar. Cuidado para não fazer da turma o que ela não é, que caminhe para um conceito místico-filosófico, perdendo a simplicidade e a informalidade. Deve haver cuidados com a busca por legados. É legado ou é Jesus e as pessoas? Buscar relacionamentos pessoais. O chamado é para um determinado tipo de vida que inclui sempre os de fora.

Aldo é casado com Aracy, são pais de Rogério e avós de Isabela. A participação familiar foi, por várias vezes, destacada como fundamental em toda a sua história, escrita por Deus. Ele acrescenta que não seria a pessoa que é, sem a Aracy.

Mario Nitsche

(E-mail recebido em 06 de setembro de 2020)

Mario e Sueli Nitsche vivem hoje em Curitiba. São pais de Juliano e Letícia, cada um deles casado, e através de Letícia veio a netinha Larissa.

Viveram alguns anos em Florianópolis (SC) e depois em Campinas (SP), dedicados em tempo integral ao Evangelho. Tiveram uma importante contribuição na história de nossa turma.

Até 2015, Sueli trabalhou numa loja de meias e *lingeries*, que ela sempre diz ter sido um aprendizado de vida no conhecimento de pessoas. Mario retornou para a Odontologia em tempo parcial por alguns anos.

Após a volta deles a Curitiba, Mario reatou relacionamentos com amigos antigos, viajou por outros lugares, fazendo novos amigos e com eles está abrindo as Escrituras com muito ânimo e grande entusiasmo. Existe nele um forte desejo da expansão destes grupos, o que já vem acontecendo.

Mario gosta de escrever. Ele é o autor de quatro livros e nesse momento está concluindo mais um livro a "AVENTURA DO VIVER".

Uma coisa que poucas pessoas sabem, Mario gosta de pintar. Não é a principal atividade dele, mas quando a faz, ele se comunica bem.

Seguem as respostas às nossas perguntas:

- 1) Quais momentos ou episódios da nossa história foram cruciais para a existência e continuidade do nosso movimento?

Cruciais foram as saídas de algumas pessoas dos seus lugares e a ida delas para outros lugares para dar início a outra onda do mesmo movimento.

- 2) Quais os conselhos e advertências você daria às diferentes gerações existentes atualmente em nossa turma?

Eu os aconselharia a manter firme em sua mente o desejo de recomeçar tudo de novo em outro lugar. Ou ele vai ou apoia incondicionalmente, alguém que vai.

- 3) A relação com a igreja instituída e sua influência sempre foi um ponto de tensão com o nosso movimento, em razão da nossa visão e formas. Podemos ser mais abertos a essa influência hoje?

Não. Não podemos. Isso facilmente substituiria a visão original por uma outra, depois de algum tempo.

- 4) Quais os sintomas que possamos estar “abandonando o nosso primeiro amor”? (Apocalipse 2:4)

Uma grande quantidade de cultos num determinado local e a não mobilidade de pessoas. A ênfase em grupos grandes sem a necessária multiplicação de grupos bem menores.

- 5) Como identificar na nossa realidade, que Deus possa estar “movendo de lugar o nosso candeeiro”? (Apocalipse 2:4-5).

Podemos estar nos esquecendo do princípio do movimento e substituindo as obras que fazíamos por obras mais práticas e imóveis. Não nos movimentamos mais. Há um outro princípio em ação e estamos entrando nele.

Um abraço.

Mario

Curitiba 6 de setembro de 2020

Luiz Marcos Abrão

(Conversa ocorrida em 17 de setembro de 2020)

Luiz Marcos é um amigo de Mario Nitsche desde 1962, quando se conheceram trabalhando no Banco Bamerindus, em Curitiba (PR), onde Mario também trabalhava, enquanto cursava a faculdade de Odontologia. É católico por formação e havia participado de um grupo para jovens na igreja, onde faziam estudos bíblicos, mas com o tempo, percebendo que a igreja era uma instituição com hierarquia, decidiu não continuar. Conhecendo Mario, eles conversavam e trocavam ideias sobre muitos temas. Mario chegou a falar do grupo de amigos que tinha encontrado, que lia a Bíblia e explicou que não era uma instituição e nem uma igreja no sentido tradicional. Mario convidou Luiz Marcos para ir à casa de Jim Petersen para um jantar, e aí começa a sua história com a Turma. Isso foi em torno de 1967 ou 1968.

No início da Turma, o tema de contribuições financeiras para pessoas dedicadas exclusivamente ao Evangelho não era tratado especificamente. Mas quando Osvaldo passou a se dedicar em tempo integral a esta atividade, foi algo simples e natural. Jim apresentou a ideia e as pessoas participaram. Não havia constrangimentos.

Luiz Marcos lembra que, em um encontro em Gramado (RS), foi apresentado ao grupo ao qual Mario e Aldo iam dedicar-se em tempo integral, no trabalho com o Evangelho. Como Luiz Marcos trabalhava em um banco, cuidar das finanças da Turma foi algo natural para ele. Era um trabalho entre amigos, algo leve, simples, muito agradável.

No início apenas Osvaldo, e depois Aldo, Mario e Fernando compunham o grupo de tempos integrais. Com o tempo vieram Elísio, Evilasio e Aramir. As contribuições eram feitas em cheques, enviados para Luiz Marcos. Ele depositava estes cheques, esperava a compensação dos mesmos, e depois repassava os valores para as contas bancárias dos tempos integrais. Com o crescimento da Turma, surgiu a necessidade de haver uma pessoa responsável em cada cidade para fazer o recolhimento dos cheques e repassar para Luiz Marcos. Ele fazia relatórios mensais para registrar envios e recebimentos, trabalho que exigia tempo e apoio das pessoas. Ele dedicava meio período a esta tarefa e meio período ao seu trabalho em uma empresa.

Algum tempo depois, foi criada uma equipe nacional de finanças, da qual Luiz Marcos passou a fazer parte. Ele sentia a responsabilidade de cuidar da parte operacional. Havia reuniões regulares com as pessoas responsáveis de cada cidade, e foram surgindo necessidades que exigiam um pouco mais de trabalho. Compartilhavam entre si as necessidades dos tempos integrais e procuravam, na medida do possível, supri-las. Eram amigos cuidando de amigos. Luiz Marcos ficou surpreso em saber que não há um grupo semelhante nos dias de hoje. No entanto, entende que o crescimento da Turma gera outra dinâmica de relacionamentos.

Luiz Marcos vê que finanças é um assunto como qualquer outro. Faz parte da vida de qualquer pessoa. Todo mundo usa dinheiro. As Escrituras nos ensinam muito sobre isso, e

temos que abordar esse assunto. Não pode ser considerado constrangedor falar sobre o assunto de finanças. É preciso tratar com naturalidade e com sabedoria.

Conversando com Luiz Marcos, alguns temas se destacam tendo um grande valor para ele: amizade, simplicidade, naturalidade.

Valter Hermann

(E-mail recebido em 08 de maio de 2020)

Valter e Sueli Hermann são amigos que hoje moram em Parnaíba (PI). Pedimos para Valter contar um pouco da sua história, pois era uma das primeiras pessoas a ajudar a organizar o assunto de finanças e contribuições em nossa Turma. Segue abaixo o relato feito por ele mesmo.

Minha introdução à turma deu-se em 1974, com a mudança para Curitiba. Jim Petersen e Ken Lottis já estavam há dez anos no Brasil e, nessa altura, já havia este ensino sobre contribuições financeiras para algumas pessoas dedicadas exclusivamente a esse trabalho na Turma, denominadas tempos integrais.

Conhecemos as primeiras pessoas da Turma por intermédio do Mario Nitsche (primo da minha esposa Sueli). No transcorrer de 1971, fiz um tratamento dentário com o Mario. Nesses encontros, ele falava de seus novos amigos: Jim, Ken e Fernando González (este último mencionado entusiasticamente pelo Suemir – irmão da Sueli), com quem tinha conversas e amizades em nada semelhantes com as que tinha desde os anos sessenta. Numa de nossas idas a Curitiba, princípios de 1972, Mario nos levou ao apartamento de Osvaldo e Lenir. Foi uma noite maravilhosa, pois Lenir, com sua imensa simpatia, de imediato cativou a Sueli.

Em 1974, contra todas as expectativas e circunstâncias, o Banco transferiu-me para a Agência Centro de Curitiba - localização que todo mundo queria e ninguém conseguia. Era impossível, mas aconteceu. Como? Inexplicável!!

Alugamos um apartamento e instalamo-nos em junho de 1974. Poucos dias depois, Aldo e Aracy, que, também eram recém-chegados a Curitiba, nos procuraram. Nessa época, comecei a estudar as Escrituras com o Ken. Já ia me esquecendo, em junho de 1973, Mario apresentou-me ao Ken e convidei-o a passar, com a família, um fim de semana em nossa casa (nesse tempo morávamos em Castro, PR). Foi um final de semana com cinco crianças, entre três e dez anos de idade, mais voltado a comidas e brincadeiras do que a conversa séria.

Assim, fomos conhecendo outras pessoas. A integração efetiva com a Turma deu-se em 1975, quando comprei uma casa bem espaçosa e com um imenso terreno. Oferecemos nossa residência para o uso da Turma e ela veio a servir para as grandes reuniões. De 1976 a 1980, foi uma época de entrada de muita gente nova, solteiros e casais jovens, e nossa casa era praticamente o único local adequado para essas reuniões que se realizavam, em domingos alternados, pela manhã.

Esses anos, extremamente profícuos, foram um tempo de muitos estudos e aprofundamento nas Escrituras, com Aldo.

Nos sete anos de morada em Curitiba e de efetivo convívio com a nossa turma, sempre vi este assunto de finanças ser tratado com muita liberdade e transparência, e com excelente receptividade por parte das pessoas.

Início do trabalho de remessa dos valores destinados aos tempos integrais por meu intermédio.

Luiz Marcos Abrão era o responsável pelo recolhimento de contribuições em Curitiba e de algumas pessoas de outras cidades. No entanto, envolvido em sua própria atividade profissional e com planos de cursar uma faculdade, estava sobrecarregado para dedicar tempo necessário em organizar uma agenda de recebimento e envio das contribuições.

Mário Nitsche e Ken Lottis pediram-me que assumisse o encargo, com o objetivo de estabelecer uma data mensal de recebimento das contribuições, de modo que os beneficiários também pudessem organizar-se financeiramente. Aproveitei uma reunião em Florianópolis, com os demais responsáveis: Geraldo Brenner, de Porto Alegre, João Carlos Pöttker, de Florianópolis, Samuel A. Zacchi, de Palhoça, para organizar os detalhes. Posteriormente, entraram algumas contribuições de São Paulo, Ribeirão Preto e Campinas. Ficou estabelecida a centralização em Curitiba, mesmo porque já estávamos ultimando o registro dos Estatutos dos Navegadores naquela cidade.

Imprimi em tipografia um formulário em quatro vias carbonadas a serem remetidas pelos responsáveis de cada cidade. Três vias eram para mim: uma para meu arquivo, outra para o “tempo integral” e outra para o Aldo, com quem eu me reunia semanalmente, quando se fazia um exame e balanço geral da situação financeira. Com as contribuições da própria turma de Curitiba, mais os cheques, comuns ou bancários, recebidos até o dia 23 de cada mês, das demais cidades, processava-se no dia 24 a remessa ou depósito na conta dos “tempos integrais”, que assim, tinham os respectivos valores, disponíveis, no dia 25 de cada mês.

“Tempos Integrais”

Quando assumi, já havia: Fernando Gonzalez, Aldo Berndt, Osvaldo Simões, Elísio Eger, Mário Nitsche. Depois vieram, gradativamente, Evilasio Gioppo, Miguel Fleck, Gilberto Loth e Aramir Lisboa.

Demais considerações

Este esquema nunca abrangeu a totalidade dos contribuintes, uma vez que várias pessoas de São Paulo e Campinas preferiam contribuir, diretamente, nas contas bancárias dos tempos integrais.

Em janeiro de 1981, com vistas à minha carreira no Banco do Brasil, saí de Curitiba. Com uma prestação de contas ao Mário e Ken, entreguei o trabalho, naquele esquema, de volta ao Luiz Marcos Abrão, que continuou como responsável pela equipe de finanças por vários anos.

Após cinco anos sem contato pessoal com a turma, encontrei-me em 1985 com o Aldo. Nessa ocasião, eu residia em Mairinque (SP), ele, em Campinas. Ele comentou que o esquema estava funcionando diferentemente, mas que estava tudo bem. Nos anos de permanência em São Paulo (Mairinque, Sorocaba, Itarirí, Itanhaém e Santos), convivemos com a turma de Campinas e São Paulo, sobretudo mantendo contato com alguns dos amigos dos tempos de Curitiba. Nossa casa em Itanhaém (1992 a 1998) foi bastante utilizada para várias reuniões da turma de São Paulo.

Paralelamente, nessa época, fiz fortes amizades com pessoas da Assembleia de Deus e Adventistas (inclusive eu tinha primos dessa denominação, mas isso é outra história, egressa lá das nossas origens no judaísmo do norte da Europa). Com minha postura um tanto camaleônica, sinto-me confortável para transitar livremente nesses meios, e, com isso, aprender o que anda por aí em igrejas e igrejas, contudo, sem fazer proselitismo.

Em janeiro de 1981, quando mudamos para Corumbá (MS), dividíamos o tempo entre a Assembleia e a Renovação Carismática Católica. Em Macapá (AP), com o pessoal da Casa de Oração. Em Mairinque (SP), com um grupo sediado em Jundiá (SP) e Americana (SP), com visão de divulgação de literatura cristã e evangelismo junto aos judeus. Mantenho até hoje contato com essa turma. Em Itanhaém (SP), com a Adhonep; aqui em Parnaíba (PI), com católicos. As leituras de história da igreja com essa eclética vivência deu-me uma larga visão do cristianismo no mundo de hoje e, concluo que há na Turma, e vejo isso somente nela, uma procura de um cristianismo autêntico. Estou até me lembrando que em dezembro de 2018, li uma publicação da UNESP chamada 'Da liberdade do cristão – Prefácios à Bíblia', de Martinho Lutero e que muito me impressionou, devido à época em que foi escrito e sua atualidade.

Nosso Chamado e Visão

Nossa intenção, a partir do ponto em que ganhamos um conhecimento do início da história da nossa turma, será a de buscar em Deus, desenvolver um conteúdo das Escrituras que nos dê melhor compreensão da Sua vontade e conhecê-Lo mais. As narrativas descritas aqui mostraram claramente a mão de Deus escrevendo esta história e Ele buscando homens e mulheres fiéis que atenderam ao Seu chamado.

Antes de seguir adiante, descreva o que chamou a sua atenção a respeito do que leu sobre nossa história.

Na pesquisa feita para saber quais assuntos seriam relevantes de serem buscados nas Escrituras, depois da história, muitos outros importantes temas poderiam ser tratados. É impossível abranger tudo que foi sugerido, então buscamos tratar daquilo que nos oferece a melhor base de entendimento das Escrituras para todos os assuntos. Futuros estudos poderão ser realizados para dar sequência nesta busca.

As vidas das pessoas descritas na história de nossa turma mostram a resposta delas à ação de Deus, em um exercício e aprendizado de Fé e Obediência. Pensamos que seria importante olhar primeiro o que está no coração de Deus, buscando entender Seus objetivos. Com o olhar no contexto atual, poderemos ganhar mais conhecimento sobre o que nosso Deus está realizando em nossos dias. Queremos fazer isso sempre conectados às Escrituras, em oração, no Espírito Santo, focando a pessoa de Jesus, nosso Senhor.

Começaremos olhando os objetivos de Deus, e depois buscaremos entender melhor onde e como participamos no que Ele está fazendo.

Parte 1 – O Plano Abrangente de Deus

Desde a eternidade, Deus já havia estabelecido os Seus planos, e está trabalhando para fazer com que Seus objetivos sejam realizados.

Estude as passagens abaixo, buscando entender o plano de Deus para Sua criação. Depois destas passagens, seguem-se algumas perguntas para pensar a respeito. Fique à vontade para acrescentar outras passagens que estejam relacionadas ao assunto.

- Gênesis 1

- Gênesis 2

- Salmo 8

- Salmo 24

- Isaías 44:6-8

- Atos 17:24-31

1) O que você observou sobre o plano de Deus para a Sua criação?

2) Qual é a importância e a responsabilidade do ser humano na criação de Deus?

Parte 2 – A Separação Entre o Ser Humano e Deus

Em Gênesis 3, a serpente entra em cena. Em Apocalipse 12:9 e 20:2, é mencionado o dragão, a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo.

- 1) Observando em Gênesis 3:1-7, que táticas a antiga serpente usou para enganar a mulher?
- 2) O que esta serpente fala sobre Deus e Sua palavra?
- 3) Qual foi a transgressão cometida pelo primeiro casal da humanidade?
- 4) Lendo Gênesis 3:8-24, a quem Deus responsabilizou pelo pecado e quais foram as consequências?
- 5) Em Gênesis 3:22-24, Deus expulsou o homem e a mulher do jardim do Éden, para que não pudessem comer do fruto da árvore da vida. No entanto, em Apocalipse 22:1-5, vemos as pessoas tendo livre acesso à árvore da vida. O que aconteceu entre Gênesis 3 e Apocalipse 22 para explicar esta mudança?

Parte 3 – A Obra de Jesus

Observe nas seguintes passagens a participação de Jesus na criação e no plano de Deus.

- João 1:1-18

- João 17

- João 18:36-37

- Romanos 8:17-30

- Efésios 1

- Colossenses 1

- Apocalipse 21:1-7

1) Qual foi a participação de Jesus na criação e no plano de Deus?

2) Como se consumará o plano de Deus?

Parte 4 – Deus em Busca das Nações

Deus nos busca desde que o homem e a mulher se separaram Dele, como está descrito em Gênesis 3. Mesmo antes desta separação, Ele havia decidido nos resgatar através de Jesus Cristo (Efésios 1:3-14). Contudo, sabemos que Seu amor se estende a todas as nações. Como povo de Deus e participantes do plano libertador e reconciliador para as nações, temos o grande privilégio de colaborar nos objetivos Dele.

As Escrituras mostram um Deus cujo coração amoroso sempre se expressou pelo resgate libertador de homens e mulheres. A iniciativa sempre foi Dele.

1) Observe como Deus revela Seu interesse pelas nações, de Gênesis a Apocalipse.

- Gênesis 12:1-3; 22:15-18; 26:1-6; 28:10-15

- Josué 4:23-24

- Isaías 49:1-7

- Lucas 2:25-32

- Lucas 24:45-47

- Atos 15:12-19
- Apocalipse 5:9-10; 7:9-10

Resumo

- 2) Deus sempre utilizou Seu povo na Sua busca pelas nações. Quais são as similaridades e as diferenças no Antigo e Novo Testamento, quanto ao papel que o povo exerceu nos propósitos de Deus para se revelar às nações?

Antigo Testamento

- Êxodo 19:1-6
- Deuteronômio 4:5-9
- Josué 2:8-11

- 2 Reis 19:14-19

No Antigo Testamento, como Deus utilizou o Seu povo para se revelar às nações?

Novo Testamento

- Mateus 28:18-20

- João 17:18; 20:21

- Atos 1:6-9

- Atos 11:19-26

- 1 Coríntios 9:19-23

- Filipenses 2:14-16

No Novo Testamento, como Deus utiliza o Seu povo na busca às nações?

Resumo. Quais são as similaridades e as diferenças no Antigo e Novo Testamento, quanto ao papel que o povo exerceu nos propósitos de Deus para se revelar às nações?

Parte 5 – A Pureza e Mobilidade do Evangelho

Poucos meses depois que o primeiro grupo de apóstolos cruzou as fronteiras culturais, surge uma crise. Paulo e Barnabé insistiam que os gentios tinham o direito de viver o Evangelho em sua própria cultura. A oposição insistia que certas formas judaicas deveriam ser observadas. Esse era um conflito perigoso.

O Evangelho está sempre em perigo, quando o levamos adiante. Sua pureza pode se perder quando tentamos adaptá-lo, e sua mobilidade também se perderá se não fizermos adaptações.

1) Quais foram os conflitos que o Evangelho enfrentou, ao cruzar a fronteira entre as culturas dos judeus e dos gentios?

- Atos 10-11:18

- Atos 15:1-35

- Gálatas 1:1 – Gálatas 3:5

- a) Como esses conflitos foram resolvidos?
- b) O que teria acontecido com o Evangelho e sua mobilidade se essas questões não tivessem sido resolvidas?
- c) Na sua opinião, existem conflitos semelhantes hoje em dia que podem dificultar a comunicação do Evangelho? Quais seriam?
- 2) Pense sobre o que Paulo disse em 1 Coríntios 9:19-27. O que devemos fazer para conciliar o compromisso de comunicar bem o Evangelho com o zelo de proteger a sua pureza?
- 3) Quais as coisas que podem acontecer facilmente ao Evangelho, se não estivermos vigilantes?
- 2 Timóteo 4:3-4

- Tito 1:10-16, 2:1

- 2 Pedro 2:1-3

- Judas 3,4

- Apocalipse 2:12-17

- 4) Nem todas as pessoas no Novo Testamento conseguiram cruzar barreiras culturais na divulgação do Evangelho, mantendo a pureza necessária do Evangelho. Até mesmo Pedro, com a sua experiência, teve dificuldades. O que você observa que explica esta limitação?

Atos 10; Atos 11:1-18; Gálatas 2.

Parte 6 – Função e Forma

Uma das questões que, historicamente, tem alterado a pureza do Evangelho e travado a sua mobilidade à medida que o Evangelho foi levado às nações é a nossa dificuldade em distinguir entre funções bíblicas e formas culturais. Portanto, para levarmos o Evangelho com fidelidade, precisamos saber distinguir entre os princípios que as Escrituras nos ensinam, e as formas que são usadas para aplicá-los; ou seja, aquilo que é retratado nas Escrituras como sendo uma **função**, e aquilo que é uma **forma** cultural usada para cumprir essa função.

Função: uma atividade essencial, que tenha um objetivo.

Forma: um formato ou método usado para exercer uma função.

As formas podem facilmente sobreviver à sua função original. Quando isso acontece, as formas se tornam restritivas e redundantes. Ocorre um declínio da tradição para o tradicionalismo.

Nesta parte, procuramos fazer uma distinção entre funções e formas... e refletirmos sobre como preservar o sentido com o uso de formas que se adaptem às funções atuais.

- 1) Observe em Marcos 7:1-13 os comentários de Jesus sobre algumas formas que haviam sobrevivido às suas funções e levado as pessoas a grandes abusos. Quais foram as formas e qual o problema destacado por Jesus?

2) Observe a relação entre função e forma nas passagens abaixo:

	a. Quais eram as funções? (O que estavam tentando realizar?)	b. Quais eram as formas? (O que fizeram para realizar tal coisa?)
Mateus 6:5-15		
João 13:1-17		
Atos 2:42-47		
Atos 3:1		
Atos 4:32-35		
Atos 6:1-7		
Atos 13:1-3		
Atos 19:8-10		
1 Coríntios 11:2-16		
2 Coríntios 13:12		
1 Timóteo 2:8		
Salmo 150		

- 3) O que você observou a respeito das funções e das formas?
- 4) Em nossa turma, quais são as funções e formas que você observa?
- 5) "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo." (Colossenses 2:8) Quais são as orientações dadas em Colossenses 2:9-23 que nos ajudam a não sermos enredados, como menciona Paulo no versículo 8?
- 6) Quais formas poderiam, hoje, prejudicar a pureza do Evangelho, ou nossa capacidade de comunicar o Evangelho, às pessoas e às nações?

Resumo:

Faça um resumo das verdades mais importantes para as quais o Espírito Santo chamou a sua atenção neste estudo.